



## INTERSECÇÕES DA AGRESSIVIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA



Gustavo Soares Domingues\*



Mauricio Marques Ramos Junior\*\*



Hilda Rosa Capelão Avoglia\*\*\*

### >> Resumo

O objetivo do presente estudo consistiu em discutir acerca do impulso agressivo em adolescentes e compreender as variabilidades conceituais da agressividade. Tratou-se de uma revisão bibliográfica sistemática a partir das orientações Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses (PRISMA). As bases de dados consultadas foram: BVS, PEPSIC, APA PsycNet PsycArticles, PubMed, SCOPUS (Elsevier) e SciELO. As produções identificadas estavam redigidas nos idiomas: português, inglês, espanhol e francês. A seleção dos materiais ocorreu em janeiro de 2023, utilizando-se a plataforma CAFE-CAPES para as bases de dados com acesso restrito. Os termos utilizados foram “agressividade”, “agressão”, “aggression”, “aggressiveness”, “adolescência”, “adolescent”, “adolescence”, “psicanálise” e “psychoanalysis”. A delimitação de datas foi equivalente ao período de 2012 a 2022. Dentre as 16 sintaxes utilizadas nas 5 bases de dados selecionadas, assim como a variedade possível de idiomas e do longo recorte temporal, evidenciou-se que a produção a respeito do assunto foi considerada escassa, divergindo da realidade dos adolescentes, que mostrou-

\* Graduando em Psicologia pela Universidade Católica de Santos. Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Laboratório de Avaliação e Intervenção Psicológica e Neuropsicológica na Universidade Católica de Santos e do NuBalaio - Núcleo de Estudos em Psicologia, Violência, Processos Psicossociais e Interseccionalidade.

\*\* Mestrando em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-Graduado em Psicanálise e Análise do Contemporâneo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Santos. Membro do Laboratório de Avaliação e Intervenção Psicológica e Neuropsicológica na Universidade Católica de Santos.

\*\*\* Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - IPUSP. Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos. Coordenadora do Laboratório de Avaliação e Intervenção Psicológica e Neuropsicológica na Universidade Católica de Santos.

se conflituosa e com presença de agressividade. Os resultados identificaram 84 artigos produzidos, mas foram eliminados 45 duplicatas, restando 39 publicações. Após a leitura dos títulos e resumos, foram excluídos 21 artigos. Em seguida, após a leitura completa, 9 artigos foram eleitos para análise qualitativa. De modo geral, os resultados encontrados foram estudos teóricos e cada um deles seguiu um autor psicanalítico de referência, estando entre os mais predominantes: Winnicott, Lacan e Freud. Ademais, as temáticas geralmente associavam agressividade aos contextos de violência e a delinquência.

## >> Palavras-chaves

Agressividade; Adolescência; Psicanálise; Revisão Sistemática.

## >> Abstrac

The aim of the present study was to identify recent research on aggressive impulses in adolescents, and to understand the conceptual variabilities regarding aggressiveness. This was a Systematic Review of literature based on the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses (PRISMA) guidelines. The databases consulted were: VHL, PEPSIC, APA PsycNet PsycArticles, PubMed, SCOPUS (Elsevier) and SciELO. The identified publications were written in the following languages: Portuguese, English, Spanish and French. The selection of materials took place in January 2023, using the CAFE-CAPES platform for databases with restricted access. The terms used were “agressividade”, “agressão” “aggression”, “aggressiveness”, “adolescência”, “adolescent”, “adolescence”, “psicanálise” and “psychoanalysis”. The timespan was equivalent to the period from 2012 to 2022. Among the 16 syntaxes used in the 5 selected databases, as well as the possible variety of languages and the long timespan, it is evident that production on this subject was considered scarce. Diverging from the reality of adolescents, which is conflicting and presents aggressiveness. In total, 84 articles were identified, but 45 duplicates were eliminated, leaving 39 publications. After reading the titles and abstracts, 21 articles were excluded. Then, after thorough reading, 9 articles were selected for qualitative analysis. Generally, the studies identified were theoretical and each of them followed a psychoanalytic author of reference, the most evident being Winnicott, Lacan and Freud. Furthermore, the themes generally associated aggressiveness with contexts of violence and delinquency.

## >> Keywords

Aggressiveness; Adolescence; Psychoanalysis; Systematic Review.

## INTRODUÇÃO

**A** Abordar a adolescência é se referir a uma temática que vem sendo discutida há muito tempo, mesmo que sob outras nomenclaturas. Sobretudo, para compreender a adolescência é fundamental delimitar suas fronteiras em relação à puberdade, pois se trata de termos bastante fusionados, principalmente sob a perspectiva leiga. A exemplo, em 1930, Freud defendeu que o distanciamento familiar seria uma tarefa inerente aos jovens, de modo que a sociedade os apoiaria utilizando de *ritos de puberdade e de iniciação* (FREUD, 1930/2010 [grifo dos autores]).

Na cultura atual, de acordo com Nobre (2022), é comum que os termos puberdade e adolescência se equiparem, fazendo com que seja criada a expectativa para o adolescente ajustar-se frente às mudanças. Não obstante, conforme postula a autora, por vezes, as mudanças corporais se tornam mais intensas devido ao fato de serem passíveis de maior observação. Assim, por esse aspecto observacional, permite-se que a puberdade seja utilizada como um marco para representar a angústia adolescente naquilo que se é visível (NOBRE, 2022, p. 163).

A puberdade consiste em um fenômeno biológico conduzido e aflorado naturalmente, sendo desencadeadora de caracteres sexuais primários e secundários. Além disso, se inicia por volta dos 8 anos de idade nas meninas e 9 anos nos meninos (SUSMAN; ROGOL, 2004), com divergências de desenvolvimento, a variar de acordo com o sexo biológico, podendo ser entendida como resultado de uma cadeia de respostas hormonais (PAPALIA; MARTORELL, 2022).

A adolescência, por sua vez, consiste em um período transitório entre puberdade e estado adulto, caracterizando-se mais como uma etapa da vida do que como uma fase do desenvolvimento em si. Assim, pode ser influenciada por fatores sociais, econômicos, culturais e variar em relação à cronologia dos fatos (MATOS; LEMGRUBER, 2017; PAPALIA; MARTORELL, 2022). Ou seja, diferentemente da puberdade que se pauta exclusivamente nos caracteres biológicos, a adolescência está muito mais voltada para uma perspectiva psicossocial.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS – World Health Organization – WHO, 2020), a adolescência é considerada uma fase entre infância e vida adulta, que possui como critério cronológico o período entre os 10 e 19 anos, sendo caracterizado pelo rápido crescimento físico, cognitivo e psicossocial, e que produz mudanças significativas no modo de sentir, pensar, interagir com os outros e tomar decisões. Por outro lado, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), publicado em 1990 no Brasil e que busca assegurar direitos fundamentais e proteção integral às crianças e aos adolescentes, a adolescência é caracterizada como um período entre os 12 e os 18 anos (BRASIL, 1990).

Nesse sentido, de acordo com Malvasi e Teixeira (2010), para além da correlação com as peculiaridades sociais e culturais que tocam o adolescente e, conseqüentemente, a conceituação de adolescência, quando se aborda essa temática, deve-se pensar em “*adolescênciaS e juventudeS* (no plural)”.

Isto posto, esses indivíduos são interseccionados por condições econômicas, sociais, culturais e jurídicas do local em que estão inseridos (MALVASI; TEIXEIRA, 2010, p. 30).

Acerca da agressividade, após Freud, outros autores e abordagens dedicaram-se a aprofundar os aspectos psicodinâmicos das pulsões agressivas, como é o caso de Erich Fromm, a Psicologia Analítica Junguiana e, principalmente, os pós-freudianos, entre eles: Jacques Lacan, Melanie Klein e Donald Woods Winnicott. Sobretudo, a temática da agressividade surge na teoria de Adler, ao propor a presença das pulsões agressivas no sadismo (BIRMAN, 2006). Além disso, faz-se mister olhar para o fato de que a hipótese de uma pulsão de agressão autônoma que surge de Adler (em 1908) foi recusada por Freud durante um longo tempo (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Nesse sentido, devido à longa linhagem de estudos, divergências foram surgindo, mas uma teoria não foi sobreposta a outra, apenas complementam-se entre si. Além disso, autores como Winnicott possuem em seus textos a variabilidade desse termo, algo que muitas vezes parece estar atrelado à diversidade de possibilidades na tradução de alguns termos dos textos originais, como ocorre no índice das diferentes versões do livro *Tudo começa em casa* (1986/1999; 1986/2021) e *Deprivação e delinquência* (anteriormente, com o título *Privação e delinquência*) (1984/1987; 1984/2023).

De acordo com Zimerman (2008), a “agressão” e a “agressividade” são dois termos que se confundem entre si, não apenas por pacientes, mas por muitos psicanalistas. Zimerman (1999, p. 114; 2008) compreende que a agressividade é algo sadio, atrelado em suas palavras ao “movimento para frente”, a uma forma de proteção contra os predadores externos e a alcançar possíveis metas. A agressão, por outro lado, consiste em algo destrutivo, que alude diretamente à pulsão sádica-destrutiva kleiniana (ZIMERMAN, 1999; 2008). Além disso, nessa linha de raciocínio, pode-se entender a agressividade sob o ponto de vista da Bock (2008), que a apresenta como um impulso agressivo ou destrutivo, que se manifesta nas relações objetais, mostrando que as delimitações são bastante turvas dentro da própria psicanálise.

É importante salientar que nem sempre as pulsões destrutivas são manifestas no ambiente físico. Todavia, para a criança isso não deixa de ser uma realidade. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p.11) a agressividade consiste em:

Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão. A psicanálise atribui uma importância crescente à agressividade, mostrando-a em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito e sublinhando o mecanismo complexo da sua união com a sexualidade

e da sua separação dela. Esta evolução das ideias culmina com a tentativa de procurar na agressividade um substrato pulsional único e fundamental na noção de pulsão de morte (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 11 [grifo dos autores]).

Sob essa perspectiva, é possível observar os diálogos já citados acima, assim como o fato de que a agressividade pode manifestar-se em forma de fantasias. Nesse sentido, como propõe Almeida (2022, p. 164), para o indivíduo, “é real, mesmo que em fantasia”. Além disso, como postula Bock (2008), a agressividade está sempre entrelaçada com pensamento, imaginação ou ações verbais/não verbais. Outrossim, ainda segundo Bock (2008), a agressividade pode ser manifestada como heteroagressão, voltada para fora, ou autoagressão, internalizada, muito semelhante à perspectiva abordada pelo autor clássico D. W. Winnicott.

Um aspecto importante salientado por Zimmerman (2008) consiste no fato de que é importante para o analisando, durante o processo clínico, discriminar as diferenças entre a “agressividade” e a “agressão”, pois pode temer liberar os aspectos da energia agressiva positiva, aderindo a comportamentos persecutórios, igualmente perigosos. Isto é, pode associar que os atos expansivos – atrelados à agressividade –, são destrutivos, associados à agressão (ZIMMERMAN, 2008). A clínica de embasamento psicanalítico atua, justamente, impondo a ideia de que tendências hostis são fundamentais em certos quadros, como os de neurose obsessiva e os de paranóia, assim como em relação a noção de ambivalência, que apresenta a existência de amor e ódio num mesmo plano (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Atualmente, é como se a civilização estivesse imersa em uma cultura que não consegue mais canalizar a agressividade de forma saudável (BOCK, 2008). Almeida (2022) evidencia que uma das possibilidades de sublimação consiste no processo de prática de exercícios ao serem sublimados os instintos agressivos, assim como se pode sublimar aos impulsos eróticos por meio do ato artístico. Logo, como entende Freud em *Introdução ao narcisismo* e em *O mal-estar na cultura* (1914/2010; 1930/2010) a sublimação consiste na saída para o cumprimento da exigência, mas de modo que não haja a repressão ou o recalque.

Relacionando a agressividade à adolescência, para Winnicott, isso ocorre por meio das fantasias. Seguindo essa perspectiva, para o autor, a morte é inerente às fantasias de crescimento primitivo (WINNICOTT, 1968/2019; 1968/2021). Assim, na fantasia adolescente, o assassinato ganha relevância, podendo, até mesmo sobressaltar ao seu aspecto mais literal – em atos –, potencial que não estava ligado aos sentimentos de ódio presentes na infância (WINNICOTT, 1961/2023). Todavia, quando ao autor aborda a fantasia de assassinato, não se trata do ato de assassinar em si, mas aniquilar a figura dos pais, assumindo-as em imaginação – tomando-se como autônomo e rumo a independência.

Para o autor, “crescer é, em si, um ato de agressão” (WINNICOTT, 1968/2021, p. 187). Tal perspectiva se complementa com o proposto de que para se tornar adulto é preciso fazer a afirmação mais agressiva que se existe, dizer “EU SOU”. Desse modo, assim que o fizerem, os adolescentes se tornam realmente qualificados para assumirem a posição de adultos

na sociedade (WINNICOTT, 1966/2021, p. 166). Conforme propõe Oliveira e Fulgencio (2010), a imaturidade e a necessidade de confronto, que são características dos adolescentes, são formas utilizadas para experimentar a si mesmo.

Diante dessa perspectiva acerca da agressividade e considerando a adolescência em seu viés biopsicossocial, mas principalmente sob o olhar da psicanálise, é relevante identificar as formas como aspectos agressivos têm se manifestado na cultura pós-moderna na população adolescente. Assim, o objetivo do presente estudo foi discutir acerca do impulso agressivo em adolescentes e compreender as variabilidades conceituais acerca da agressividade, a partir de uma revisão bibliográfica sistematizada.

## 1. METODOLOGIA

A presente etapa da pesquisa consiste em uma revisão sistemática da literatura (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI, 2011), de natureza básica, objetivo exploratório, com abordagem qualitativa do material selecionado e seguindo as orientações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses* (PRISMA) (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015) para elaboração do processo de revisão. A utilização da revisão sistemática foi aplicada principalmente, pois “é uma revisão de uma pergunta formulada de forma clara, que utiliza métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes, e coletar e analisar dados desses estudos que são incluídos na revisão” (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015, p. 335). Assim, a pergunta norteadora foi elaborada utilizando a estratégia PICO – acrônimo para População (P); Intervenção (I); Controle (C); e, Desfecho (*outcome* – O) (SANTOS; PIMENTA; NOBRE, 2007): Quais as pesquisas e seus respectivos resultados recentes analisando a agressividade e a adolescência sob a perspectiva psicanalítica?

As produções elencadas estão redigidas em português, inglês, espanhol e francês. Dessa maneira, a revisão ocorreu nas bases de dados: BVS - Biblioteca Virtual em Saúde, PEPSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia, APA PsycNet PsycArticles, PubMed, SCOPUS (Elsevier) e SciELO – *Scientific Electronic Library Online*. Além disso, a seleção dos materiais ocorreu em janeiro de 2023, precisamente dia 7 de janeiro, e foi utilizada a plataforma CAFe-CAPES para o acesso das bases de dados com acesso restrito.

Dessa forma, os descritores aplicados foram “agressividade”, “agressão” “aggression”, “aggressiveness”, “adolescência”, “adolescent”, “adolescence”, “psicanálise” e “psychoanalysis”, sendo ligados pelo operador *AND* e em alguns casos ocorreu a utilização de truncamento. Assim, houve a delimitação de datas, equivalentes aos últimos 10 anos, de 2012 a 2022. Não foi cogitada a possibilidade de utilizar janeiro de 2023 para que a delimitação ficasse homogênea e com maior rigorosidade. Por fim, as sintaxes elaboradas e suas respectivas bases apresentam-se de acordo com o Quadro 1:

Indexador	Termos e sintaxes
BVS	Agressividade AND Adolescência AND Psicanálise
	Agressividade AND Adolescente* AND Psicanálise
	<i>Aggressiveness AND Adolescence AND Psychoanalysis</i>
	Agressão AND Adolescente AND Psicanálise
	<i>Aggression AND Adolescent AND Psychoanalysis</i>
PEPSIC	Agressividade AND Adolescência AND Psicanálise
	<i>Aggressiveness AND Adolescence AND Psychoanalysis</i>
	Agressão AND Adolescente AND Psicanálise
PsycArticle (APA)	<i>Aggressiveness AND Adolescent AND Psychoanalysis</i>
	<i>Aggression AND Adolescent AND Psychoanalysis</i>
PUBMED	<i>Aggressiveness AND Adolescent AND Psychoanalysis</i>
	<i>Aggression AND Adolescent AND Psychoanalysis</i>
SciELO	Agressividade AND Adolescência AND Psicanálise
	<i>Aggressiveness AND Adolescence AND Psychoanalysis</i>
SCOPUS	<i>Aggressiveness AND Adolescent AND Psychoanalysis</i>
	<i>Aggression AND Adolescent AND Psychoanalysis</i>

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Assim, a amostra foi elaborada a partir da seleção e inclusão de artigos indexados em bases eletrônicas, por meio da leitura de títulos e resumos, seguindo os seguintes critérios: (1) artigos completos publicados em revistas científicas e/ou disponíveis virtualmente; (2) abordar a agressividade na adolescência; (3) seguir a faixa etária de adolescência proposta pelo ECA (12 - 17 anos e 11 meses), caso fossem estudos empíricos; (4) seguir o viés psicanalítico; (5) seguir a delimitação de ano e idioma.

Quanto aos critérios de exclusão, foram: (1) materiais que abordaram agressividade como sinônimo de violência; (2) artigos que falavam de abuso ou identificação com agressor; (3) monografias de conclusão de curso, livros e capítulos de livros. Ressalta-se que durante a seleção dos títulos e

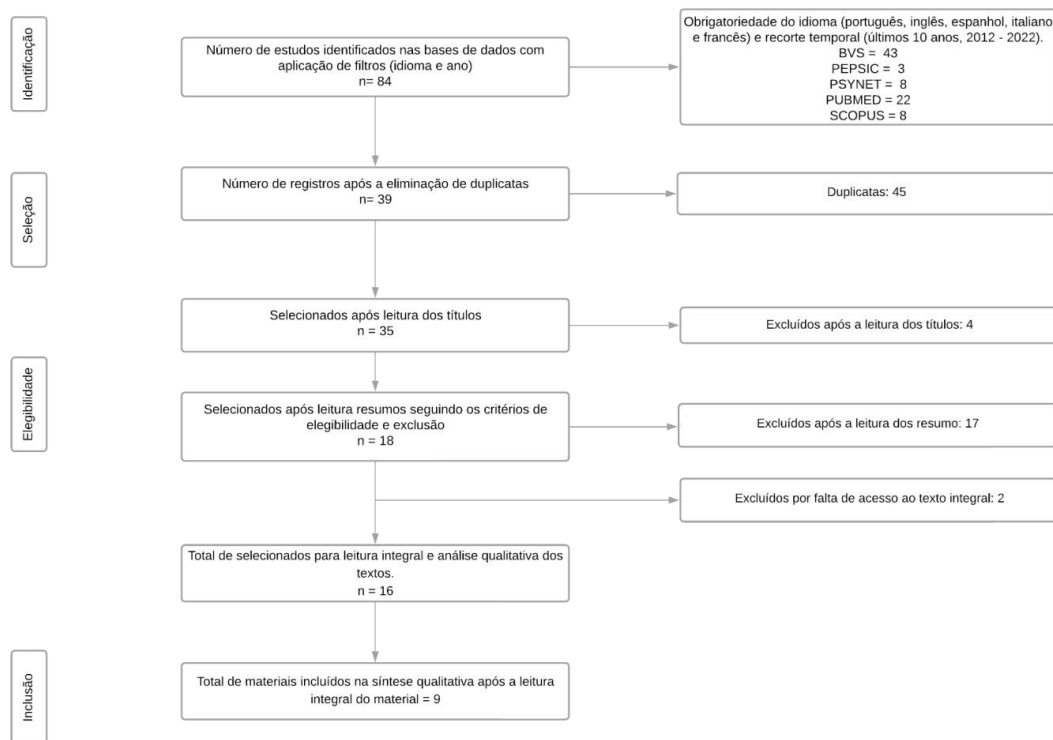


resumos, foram evitados artigos que possuíam recortes etários em relação à adolescência, todavia, durante a leitura integral os selecionados, *a priori*, foram considerados, não sendo este um critério excludente.

Para a extração dos dados foi considerada a viabilidade e valoração em possuir um panorama geral acerca dos estudos recentes. Logo, em cada artigo selecionado após a leitura integral – seguindo os critérios citados anteriormente – foi realizada a inspeção do material para produção de uma Tabela contendo o objetivo, o método e a percepção do material acerca da agressividade, assim como uma Tabela com os dados principais de cada artigo: título, autores, ano e local do estudo. Para definir o local do estudo foi considerado em primeiro lugar o apresentado no método do artigo, caso necessário, em segundo lugar foi considerado o local de origem dos autores, ou, por último, se necessário, o local de publicação da revista. Da mesma forma, para cada material selecionado foi elaborada uma síntese com os pontos principais identificados. Para a produção dos resultados foi feita a extração dos dados por meio do *Google Planilhas*, em uma planilha padronizada.

Dessa forma, considerando a metodologia proposta, foi elaborado o seguinte Fluxograma PRISMA:

Figura 1 – Fluxograma segundo método PRISMA



Fonte: elaborado pelos autores (2023)



## 2. RESULTADOS

Conforme abordado na introdução, os termos “agressividade” e “agressão” constantemente divergem e convergem entre si na literatura, necessitando que o pesquisador responsável analise os sentidos possíveis do termo durante a inspeção do material. Dessa forma, na revisão sistemática não foi incluída a perspectiva da violência como forma de manifestação da agressividade, caso essa estivesse se referindo a: um processo manifesto no meio, de modo que o adolescente fosse considerado vítima; e, quando havia a perspectiva do adolescente identificando-se com a figura do agressor. Enquanto a autoagressão, autoagressividade, ou violência autoinfligida – como no caso da autolesão ou automutilação – e violência externalizada, foram incluídas desde que elencassem a relação com a agressividade, delimitando suas bordas, já a evidenciando ainda no título e resumo ou, se necessário, e quando causasse instigação, por meio do texto integral.

Diante dessa perspectiva, dentre as 16 sintaxes utilizadas nas 5 bases de dados selecionadas, assim como na variedade possível de idiomas e do longo recorte temporal, evidencia-se que a produção acerca desse assunto se mostra escassa. Nesse sentido, foram identificados apenas 84 artigos produzidos durante esses dez anos. Todavia, foram eliminadas 45 duplicatas, restando 39 materiais (Fig. 1).

Apesar de parecer uma relevante quantidade, após a leitura dos títulos e resumos, foram excluídos 21 artigos. Da mesma forma, foram retirados mais dois dos que estavam entre os aprovados, pois os pesquisadores não conseguiram acesso ao texto integral, mesmo acessando às plataformas restritas advindas do *login* privado ofertado pela universidade proponente. Logo, foram excluídos nesta etapa, ao todo, 23 materiais, restando 16.

Por fim, após a leitura completa dos textos, foram excluídos mais 7 materiais. Dentre os principais motivos para as exclusões, estavam o fato de os autores associarem o termo agressividade à violência, possuir uma faixa etária divergente à proposta pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990) e referenciais teóricos que se distanciaram da psicanálise. Com isso, ao final, restaram 9 artigos.

Diante do Quadro 2 é possível identificar a heterogeneidade em relação a periodicidade de produção. Além disso, é perceptível, concomitantemente, que produções brasileiras foram publicadas em inglês, evidenciando a divulgação científica dos estudos brasileiros.

Quadro 2 - Artigos selecionados para análise e síntese qualitativa

Artigo	Título	Autor(es) e ano	Local
1	Acolhendo Dissonâncias: Por Uma Clínica Compositora No Cuidado De Si	Lima, 2017	Brasil
2	Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica	Jucá; Vorcaro, 2018	Brasil
3	<i>Being a teenager during the Covid-19 pandemic: perspectives from the Winnicott's theory of maturation</i>	Costa <i>et al.</i> 2021	Brasil
4	<i>Estudios psicológicos sobre los actos delincuenciales de adolescentes. Una revisión documental</i>	Arango, 2012	Colômbia
5	<i>FAROESTE CABOCLO: Psychoanalysis interpretation of the song</i>	Teixeira; Moreira, 2017	Brasil
6	O manifesto do funk ostentação: Uma leitura psicanalítica do discurso de dois adolescentes e a sua relação com o funk	Pires; Moreira, 2019	Brasil
7	<i>Psychoanalysis and Affective Neuroscience. The Motivational/Emotional System of Aggression in Human Relations</i>	Giacolini; Sabatello, 2019	Itália
8	<i>Psychoanalytic psychotherapy in times of social crisis: The impact on therapeutic relationship</i>	Somaki; Anagnostopoulos, 2018	Grécia
9	Violência urbana, criminalidade e tráfico de drogas: uma discussão psicanalítica acerca da adolescência	Guerra <i>et al.</i> 2012	Brasil

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

Levando em consideração os estudos selecionados, foi produzido o seguinte quadro (Quadro 3), contendo os objetivos de cada estudo, a forma em que foram apresentados no artigo (método), assim como a percepção de cada material em relação à agressividade.

### Quadro 3 - Correlação entre artigos e percepções em relação à agressividade

Artigo	Objetivo	Método	Percepção em relação a agressividade
1	Relatar a intervenção realizada com crianças e adolescentes, entre 2011 e 2015, em que a música serviu como um dispositivo de expansão e singularização da vida, permitindo a criação de práticas ético-estéticas pautadas por uma ética do Cuidado de Si.	Ensaio de relato de experiência.	Utiliza o conceito de agressividade delimitado por Winnicott.
2	Problematizar as novas demandas apresentadas pelos adolescentes e, a partir dessas transformações, refletir acerca da prática clínica.	Estudo teórico-clínico.	O adolescente se manifesta em resposta a uma angústia aniquiladora através da agressividade dirigida a si mesmo ou a outro. Estudo pautado na psicanálise de Freud e Lacan.
3	Refletir, a partir da teoria do amadurecimento de Winnicott, sobre as implicações da pandemia de Covid-19 e das medidas de isolamento social para a saúde mental dos adolescentes.	Ensaio teórico.	Utiliza o conceito de agressividade delimitado por Winnicott.
4	Identificar quais os fatores, principalmente psicológicos, sob o viés da literatura científica, que levam à delinquência juvenil	Revisão documental	Não delimitam a agressividade, mas utilizam o viés psicanalítico. Assim à associam aos aspectos delinquenciais, mostrando-se bastante presente a perspectiva da escola inglesa, ou que dialogava com a mesma.
5	Articular os conceitos psicanalíticos de mal-estar, violência, agressividade e inimigo com a consagrada música “Faroeste Caboclo”, importante legado do pop rock nacional da década de 1980.	Ensaio teórico	Viés Freudiano, associando a agressividade à pulsão de morte. Agressividade como uma característica da natureza humana e violência um aspecto antropológico do homem.
6	Apresentar reflexões teóricas sobre a relação entre dois adolescentes moradores de áreas com alto índice de criminalidade violenta e o funk ostentação.	Relato de experiência	Viés Freudiano, associando a agressividade aos aspectos pulsionais, principalmente de pulsão de morte.
7	Destacar a epistemologia biológica evolucionária na teoria psicanalítica de Freud.	Ensaio teórico	Viés freudiano de agressividade e diálogo com bases biológicas da agressão.

8	Identificar o processo transferencial e de contratransferência na psicoterapia com adolescentes e o impacto dos impulsos agressivos	Ensaio teórico	Viés psicanalítico geral
9	Discutir a hipótese de que, na ausência do compasso de espera que a adolescência representa, adolescente atravessando a criminalidade parece encurtar o tempo de passagem entre infância e vida adulta, como um curto-circuito.	Ensaio teórico.	Agressividade associada a um primeiro tratamento da pulsão de morte, em um real pulsional. Tentativa de diferenciação do outro. Perspectiva lacaniana.

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

O artigo produzido por Lima (2017) consiste em um texto derivado de sua tese de doutorado. Trata-se de um estudo realizado entre 2011 e 2015, no Morro dos Macacos (RJ), Brasil. Dentre os participantes de seu estudo estavam crianças e adolescentes entre 10 e 15 anos. Dessa forma, o objetivo consistia em utilizar a música como uma forma de significação e sentido de vida para os participantes (LIMA, 2017). Vale ressaltar que a autora utiliza de um referencial teórico bastante amplo, abarcando não apenas a psicanálise, mas uma perspectiva social.

Assim, ao longo do texto, a autora relata como o clima em que foi aplicado o seu projeto de intervenção era, em suas palavras, caótico, mas que entendia a situação como uma possibilidade de manifestar a vitalidade criativo-agressiva dos participantes. Nesse sentido, conforme o Quadro 3, o referencial para o conceito de agressividade utilizado pela autora foi o winnicottiano. Portanto, o aspecto que mais se destaca durante o texto em relação à agressividade é o fato de a autora utilizar a perspectiva psicanalítica da agressividade como uma forma de manejo durante a intervenção. Ou seja, Lima (2017), ao perceber a similaridade entre a clínica e a realidade do projeto, baseia-se nos pressupostos winnicottianos para sustentá-lo. Essa aplicação ocorreu devido a resistência que vinha sofrendo em relação ao ambiente e dos participantes.

Por fim, ao compreender que as atitudes agressivas e/ou conflitivas atuavam como uma forma de testar à segurança do ambiente a autora conseguiu adquirir a confiança dos participantes, sobrevivendo perante os direcionamentos agressivos que vinha recebendo. Inclusive daqueles considerados os “mais difíceis”. Suas ações acolhedoras e compreensivas, corroboraram nos resultados do estudo, com a produção de um ambiente seguro e envolvente para os jovens, que, em suma, atuaram por meio da agressividade para testar o ambiente (LIMA, 2017).

Por sua vez, no estudo de Jucá e Vorcaro (2018) se produz reflexões teóricas por meio de uma extensão entre a Universidade proponente das autoras e o Centro de Atenção Psicossocial à Infância e à Adolescência (CAPSi) em Salvador, na Bahia. Dessa forma, o estudo das autoras traz um referencial teórico acerca dos aspectos mais relevantes observados durante a aplicação clínica do projeto de extensão. Vale ressaltar que os participantes do atendimento eram crianças e adolescentes vulneráveis, mas que possuíam o mínimo para a sobrevivência, apesar de possuírem casos de

extrema vulnerabilidade, atingindo, inclusive, o acolhimento institucional (JUCÁ; VORCARO, 2018).

Nesse sentido, segundo Jucá e Vorcaro (2018), o principal motivo de se estabelecer um referencial teórico sobre essa faixa etária consiste no fato de aumentar, entre 2013 e 2014, o caso de adolescentes no CAPSi com conflitos extremamente graves. Entre eles, automutilação, tentativa de suicídio, fugas, situação de rua, os casos em que se colocam em risco e agem impulsivamente, principalmente casos auto e heteroagressivos. Além disso, segundo as autoras, trata-se de um sofrimento, que na maior parte das vezes não pode ser verbalizado (JUCÁ; VORCARO, 2018).

Dessa forma, as autoras entendem a adolescência sob um viés lacanianiano, marcada por um tempo lógico e cronológico. Entendem como um fruto do aspecto sociocultural, e diante dessa perspectiva, defendem que, ao não conseguir tomar a via da fala, revelam questões sobre a imagem corporal, o ato sexual, o afastamento dos seus pais. Além disso, comumente, aquilo que não possuiu resolutividade na infância e se manteve aberto retorna em uma nova potência, a de um corpo amadurecido e refém de excessos pulsionais.

Outrossim, salientam que o discurso capitalista condena o adolescente a viver em constante gozo, por meio do ato de consumo. Assim, por vezes o ato de gozar é ausente de leis, de certo e errado, ao menos de imediato. Levando isso em consideração, as autoras compreendem a arte como uma forma de oposição aos determinantes capitalistas, exemplificando que a arte poderia servir como uma forma de significação de si no Outro, por meio da criação e não do consumo (JUCÁ; VORCARO, 2018).

Por fim, Jucá e Vorcaro (2018) apresentam três observações sobre a relação dos adolescentes com o Outro. Todavia, apenas duas delas se mostram relevantes para o presente estudo. A primeira, atrelada à agressividade, defende que, nas relações em que o adolescente se posiciona como um objeto de gozo mortífero do Outro, ele manifestará uma resposta frente a angústia aniquiladora, e, para isso, utilizará da agressividade dirigida a si ou ao outro (JUCÁ; VORCARO, 2018). Assim, para ilustrar a situação apresentam o seguinte caso:

[...] é o de um adolescente levado ao serviço por apresentar isolamento extremo e alguns fenômenos alucinatórios, cujos pais são separados e que, em momentos de extrema angústia – mais particularmente quando levado à casa do pai contra sua vontade –, esfrega um pulso no outro, até que a pele se rompa. O ato de mutilar-se nesse caso não se traduz como apelo dirigido ao Outro; desponta como resposta a angústia que o invade e contra a qual ele não encontra outras defesas possíveis (JUCÁ; VORCARO, 2018, p. 5).

O segundo aspecto, e o último relevante nesse material selecionado, é referente às situações em que os adolescentes se encontram em um conflito ambivalente entre o que o Outro deseja dele e o que é para esse Outro. Nesse sentido, traçam algumas possibilidades como resposta em atos, sendo elas:

(1) provocam a extração de um objeto de seu próprio corpo (sangue e/ou um pedaço da própria carne, ofertando esse sacrifício ao olhar do outro); (2) configuram-se como fugas que se apresentam como *acting out*; (3) afrontam a lei (furtos e assaltos) e (4) agredam a si mesmos (escarificações, mordidas, batem a cabeça) e/ou a outrem (em geral mãe e irmãos) ou que destruam objetos de valor dados pelos pais com certo sacrifício (quebrar celular e laptop). Com frequência, embates com seus semelhantes ou seus pais são travados (JUCÁ; VORCARO, 2018, p. 5).

Já o estudo produzido por Costa *et al.* (2021) busca analisar os possíveis impactos do ambiente pandêmico no que se refere ao desenvolvimento maturacional dos adolescentes. Desse modo, enfatizam a necessidade de um olhar mais direcionado a essa população, pois, segundo eles, em 2021 cerca de 37% da população nacional era constituída de jovens e adolescentes. Assim, partem do pressuposto de que os adolescentes não são um grupo de risco, mas que podem sofrer fortes impactos pelo isolamento e um ambiente que não é suficientemente bom, referindo-se ao ambiente pandêmico. Defendem que durante a realidade da pandemia, os limites e a privacidade entre os moradores do ambiente residencial podem tornar-se enuviados. Logo, a separação que seria essencial poderia não vir a ocorrer, gerando impactos na construção da identidade e do desenvolvimento acerca da sua concepção social (COSTA *et al.*, 2021).

No que tange aos aspectos agressivos, utilizam um estudo de Oliveira *et al.* (2020 apud COSTA *et al.*, 2021) para exemplificar que o cenário da pandemia tinha potencial para aumentar os conflitos e manifestações da agressividade. Além disso, os autores apontam para possíveis utilizações de violências autoinfligidas que poderiam se manifestar na adolescência devido às relações disfuncionais. Assim, complementam que autolesões não suicidas podem estar atreladas às respostas dos sujeitos frente a invasões ambientes. Logo, em um ambiente sem sustentação e acolhimento, como pandêmico, poder-se-ia intensificar diretamente no processo de automutilação não suicida e no prejuízo da saúde mental dos adolescentes (COSTA, 2021). Por fim, salientam que os impactos da pandemia nos adolescentes poderiam corroborar em uma geração adulta mais adoecida e com presença incidente do falso *Self* (COSTA, 2021).

Arango (2012) produz uma revisão documental da literatura, buscando elucidar como se organiza o psiquismo de jovens que são identificados como delinquentes, assim como, identificando quais os aspectos motivacionais dessas ações. Esse estudo caracteriza os adolescentes como uma população que busca a identidade e o sentimento de pertencimento a uma cultura e a um universo simbólico, atrelando essas características às transformações, confusões, ambivalências e emoções que integram a fase da adolescência. Além disso, para fundamentar sua perspectiva utiliza de autores da psicanálise como Sigmund Freud, Anna Freud, Arminda Aberastury, Maurício Knobel, Melanie Klein e Erik Erikson.

Diante dessa perspectiva, Arango (2012) busca traçar, no decorrer do artigo, um panorama acerca do desenvolvimento histórico sobre a delinquência, os processos de delimitação etária para regimento dos aspectos

legais e eventualidades do desenvolvimento que corroborariam os aspectos delinquenciais dos adolescentes. Da mesma forma, busca identificar o que delimita e o que é considerado socialmente a delinquência juvenil. Destaca-se que a autora utiliza de várias áreas de estudo para fundamentar sua pesquisa.

De modo geral, torna-se difícil ponderar conclusões acerca desse estudo, pois trata-se de um estudo de revisão de literatura, e que não possui uma consideração final além das discussões entre os autores clássicos que foi realizada pela pesquisadora. Todavia, a autora fundamenta-se em clássicos, de diferentes áreas, que entendem a delinquência como uma repercussão frente ao desenvolvimento, muitas das vezes negativa.

Além de tudo, no que tange à agressividade, a autora não busca delimitar o termo, utilizando-o no decorrer do artigo e necessitando que o leitor possua uma base psicanalítica relevante para compreender as ponderações. De modo geral, tornou-se possível identificar o uso de autores da psicanálise inglesa, como Klein e Winnicott. Da mesma forma, os demais autores utilizados pela pesquisadora pareceram dialogar com os pressupostos da escola inglesa, sendo a agressividade associada aos aspectos delinquenciais (ARANGO, 2012).

O estudo de Teixeira e Moreira (2017) utiliza a música “Faroeste Caboclo” de Renato Russo para fazer um comparativo com a adolescência de jovens inseridos em uma realidade truculenta. Segundo elas, a história de João de Santo Cristo “trata-se de uma trajetória de vida que se assemelha à história de tantos outros adolescentes envolvidos com a criminalidade violenta no Brasil” (TEIXEIRA; MOREIRA, 2017, p. 10). Além disso, as autoras defendem que, em Freud, o uso de termos como “agressividade” e “hostilidade”, por vezes, é associado à violência, todavia, esses conceitos apesar de similares, possuem diferenças consideráveis (TEIXEIRA; MOREIRA, 2017).

Nesse sentido, Teixeira e Moreira (2017) utilizam como referencial para a agressividade a perspectiva pulsional freudiana. A partir dessa perspectiva, defendem que na ausência de palavras subjetivantes, João de Santo Cristo (personagem da música) utiliza de um contorno simbólico para construção identitária do Eu. Desse modo, aceita responder às expectativas que são colocadas sob ele, que eram atreladas à adjetivação de bandido e terror. Além do mais, em determinados momentos, aparentemente, o encontro amoroso do personagem soa como um aspecto reparador, mas tal reparação não consegue se sustentar, retomando o eu adquirido das intrusões sociais e retomando os atos destrutivos.

Outrossim, as autoras identificam, ao analisar a música, que a agressividade, principalmente sob um viés destrutivo, é bastante presente nas relações de João de Santo Cristo. Segundo elas, sob a ótica freudiana, para que haja amizade é necessária a renúncia das pulsões, algo que não ocorre na inimizade, que permite a descarga da agressividade. Assim, o sujeito que é posto como inimigo, consiste em nada mais nada menos do que um representante de si mesmo, odiando o Outro como uma forma de ocultar a inveja sentida, caracterizando-se, também, como uma vigia constante



em relação às falhas apontadas (TEIXEIRA; MOREIRA, 2017). Nesse sentido, olha-se para a relação de inimizade apresentada na música.

Ademais, a alteridade para João de Santo Cristo sempre foi algo complicado, ao ponto de ele falecer sem ao mesmo solucionar seu problema em relação a ela. Isso, pois, o Outro, ao relacionar-se com João, sempre foi posto de forma destrutiva, como, “o soldado que mata seu pai; Maria Lúcia que o trai; os rapazes que conhece e o induzem a roubar; na prisão, a interferência do outro também é violenta, envolvendo, inclusive, o estupro” (TEIXEIRA; MOREIRA, 2017, p. 8). É importante salientar um último ponto apresentado pelas autoras: João de Santo Cristo só aceita ir à Brasília pois deseja *falar*, ou seja, busca falar com uma figura de autoridade, essa que é representada pelo presidente. Logo, o personagem estava em uma posição regressiva de busca por cuidado. Nesse sentido, dialogando brevemente com a perspectiva winnicottiana citada a priori, buscava as paredes que nunca possuiu.

Por fim, as autoras caracterizam que João é um jovem cujas pulsões agressivas não tiveram a oportunidade de encontrar uma saída pela sublimação, isto é, não se apresentou saudavelmente. Seu ódio não pôde ser reparado pelo amor, viveu uma vida imersa em destrutividade e trouxe para si essa angústia. Acima de tudo, reforçam, mesmo que seja um personagem fictício, que a análise permite comparações com jovens inseridos em um ambiente de criminalidade tortuoso (TEIXEIRA; MOREIRA, 2017).

Pires e Moreira (2019) produziram um artigo pautado em suas experiências com o *Programa Fica Vivo!* Integrante da Política de Prevenção Social à Criminalidade da Secretaria de Estado de Defesa Social do Governo de Minas Gerais (SEDS). O programa possui enfoque em jovens de 12 a 24 anos que estão envolvidos com a criminalidade de onde moram. Todavia, o relato de experiência apresentado destaca falas de dois adolescentes que estão na faixa etária proposta pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990). Diante dessa perspectiva, buscam objetivar as formas como o funk ostentação pode se manifestar perante a adolescência, utilizando para isso um viés psicanalítico (PIRES; MOREIRA, 2017).

Segundo as autoras, a adolescência não é um termo trabalhado na psicanálise freudiana, todavia, deve-se seguir a perspectiva de que ela consiste em um tempo lógico do sujeito frente às transformações tomadas pela puberdade e as demandas sociais que geram o desamparo. Observam que no contexto atual o consumo é um aspecto crucial para os aspectos relacionais, sendo delimitados por ideais hedonistas e narcisistas da cultura pós-moderna. Portanto, os adolescentes são persuadidos pela oferta desse objeto e uma promessa de satisfação irrestrita quanto a consumir e ostentá-los. Não obstante, segundo elas, nem sempre os meios legais e socialmente aceitos fornecem subsídios para obtenção desses objetos, logo, a criminalidade pode ser um caminho mais curto para o acesso desses objetos e produtos.

Dentro desse viés social, Pires e Moreira (2017) identificam pela fala dos participantes, assim como pela análise social do *funk* ostentação, que ele pode funcionar em duas vias: a do narcisismo e a da sublimação. Nesse sentido, ainda reiteram que, ao distanciar-se das referências infantis e

redirecionar às escolhas objetais, a adolescência se caracteriza como um período suscetível para o sujeito construir suas identificações. Todavia, em imaginação, o lugar ocupado ao envolver-se com a criminalidade permite ao adolescente a possibilidade de igualar-se aos demais, que pelo discurso capitalista são reconhecidos como os que possuem e esbanjam. Portanto, segundo elas “*poder ser equivale a poder ostentar*” (PIRES; MOREIRA, 2017, p. 89).

O primeiro caso é o de Antônio, 13 anos, morador de um aglomerado que é comandado pela disputa entre facções criminosas. O contato com ele se deu em uma unidade socioeducativa, devido a medida provisória por reincidência em atos infracionais análogos ao crime de roubo. As autoras dialogam com as possíveis adversidades que levaram Antônio à essa realidade e, apesar desse caso ser pautado na perspectiva do narcisismo, de não utilizar um panorama norteador de agressividade, tudo torna impossível olhá-lo e não associar à uma realidade em que a agressividade não foi sustentada. Ou seja, embora não seja o intuito desse tópico discutir as pesquisas elencadas para síntese qualitativa, há uma *deprivação* winnicottiana. Portanto, sintetiza-se esse caso como um potencial para reflexão acerca do assunto.

Assim, seguindo o primeiro caso, para as autoras, o direcionamento de uma libido para o mundo externo é parcial, pois mesmo que o sujeito deseje convergir para o outro lado, sempre há em seu Eu algo desse investimento (PIRES; MOREIRA, 2017). Isto é, mesmo que haja investimento libidinal no funk ostentação, há ainda um desejo de investir a libido em si próprio por meio dessa identificação. As autoras ressaltam um comentário de Antônio, que verifica o quanto o funk ostentação preenche o vazio desses adolescentes utilizando como via o consumo ostentatório. Diante disso, pela frustração ao tentar atingir tais ideais, pode lançar-se em condutas de risco. Acima de tudo, ressaltam que a música não é um determinante para o adolescente envolver-se com a criminalidade, muito menos que o público morador de situações conflituosas seja os únicos a poder ascender à criminalidade (PIRES; MOREIRA, 2017).

O segundo caso é o de Jorge, um adolescente de 15 anos, residente de uma comunidade com altos índices de criminalidade violenta e que sofre diferentes tentativas de recrutamento. Jorge, diferentemente de Antônio, utiliza da sublimação. Segundo as autoras, “ao se apresentar como MC Jorge, pareceu tracejar por meio da música uma certa manobra para o que não mais se silenciava dentro dele” (PIRES; MOREIRA, 2017, p. 10). Diante disso, as autoras baseiam-se na prerrogativa de sublimação freudiana da segunda tópica. Logo, em sua análise, defendem que pelas composições próprias, assim como pelo desejo de ser reconhecido, o adolescente redireciona a própria pulsão de morte, advinda dos conflitos da puberdade. Assim, durante o processo de sublimação, a arte conecta o adolescente ao Outro, de modo que a elaboração e produção final desse objeto não estão isenta de sofrimento. Portanto, a sublimação redireciona a pulsão, mas não acaba com a dimensão do sofrimento (PIRES; MOREIRA, 2017).

Giancolini e Sabatello (2019) em seu estudo buscam fundamentar a pulsão agressiva freudiana sob um viés biológico e retomam a base epistemológica da psicanálise e associando-a ao viés epigenético. Apesar de ser um

estudo relevante, os dados apresentam-se em um formato organicista, fugindo da perspectiva psicodinâmica em si. Todavia, durante o ensaio, ainda apresentam alguns aspectos interessantes, que devem ser salientados.

De acordo com os autores, Freud descreve a agressividade como uma pulsão fundamental para auto-preservação, para isso baseou-se no parricídio coletivo da antiguidade (GIANCOLINI; SABATELO, 2019). Diante dessa perspectiva, os autores aprofundam o referencial psicanalítico comparando escolas, assim como buscam validar e complementar os pressupostos da psicanálise, utilizando aspectos hormonais, neuroanatômicos e maturacionais.

Somaki e Anagnostopoulos (2018) buscam identificar como se dá o processo transferencial-contratransferencial durante a psicoterapia com adolescentes. Nesse sentido, relatam a importância de um setting adequado. Da mesma forma, apresentam que os adolescentes são afetados psiquicamente pela relação com os pais, principalmente devido a resistência parental no que se refere aos impulsos agressivos. Além disso, é importante salientar que os autores não utilizaram um viés específico para a conceituação de agressividade, mas identificam que é oriunda do processo de maturação e independência (SOMAKI; ANAGNISTOPOULOS, 2018). Logo, possivelmente aproxima-se mais da agressividade proposta pela escola psicanalítica inglesa, ou seja, de Winnicott e Klein.

Portanto, para concluir, os autores salientam a necessidade de regras no ambiente terapêutico. O intuito dessa imposição consiste em elaborar uma vida frutífera ao adolescente. Além disso, salientam a fundamentalidade de o terapeuta manter-se em seus princípios e valores, ou seja, não ser tomado pela contratransferência de um modo negativo. Por último, enfatizam que o processo terapêutico de jovens depende da participação e análise de seus pais, para que não existam respingos de conteúdos que não foram elaborados pelos adultos nos jovens que estão amadurecendo (SOMAKI; ANAGNISTOPOULOS, 2018).

Por fim, o último artigo selecionado para síntese qualitativa foi o de Guerra *et al.* (2012). As autoras utilizam como referencial teórico a perspectiva lacaniana de agressividade. Assim, o estudo consiste em compreender como o adolescente que é atravessado pela criminalidade encurta seu processo de transição da vida infantil para a adulta, comparando essa situação ao que elas chamam de “curto-circuito”. Nesse sentido, as observações realizadas foram retiradas a partir dos estudos realizados por Guerra (2008; 2010a), que se tratava de jovens que viviam inseridos em um ambiente de alto índice de criminalidade violenta.

Diante disso, as autoras conceituam a adolescência no viés psicanalítico. Para tanto, ressaltam a ausência do uso do termo por Freud, coincidindo com textos anteriores, assim como em relação ao fato de ser uma construção social. Todavia, acrescenta um dado inédito em relação aos demais artigos, o fato de que a adolescência só passa a ser considerada violenta e perigosa em meados do século XX. Além disso, assim como fora apresentado na revisão narrativa, salientam que, se antes a pulsão era direcionada ao autoerotismo, na puberdade encontra-se um objeto sexual. Da mesma forma, consideram que o Édipo púbere possui a marca da interdição, visto

que nessa fase se torna possível manifestar os atos fantasiados e desejados, já que o corpo possui maturação para tal (GUERRA *et al.*, 2012).

Dessa maneira, na perspectiva utilizada pelas autoras, há a agressividade, o ato agressivo e a violência. A agressividade consiste na pulsão de morte atravessando um real pulsional, característica da relação estrutural e de alteridade em uma relação com o sujeito falante. O ato agressivo, por sua vez, consiste em uma exacerbação dessa agressividade que compõe as relações. Por último, a violência seria a pulsão de morte ausente de linguagem, numa perspectiva lacaniana, a violência associa-se à pulsão de morte, enquanto a agressividade aos aspectos construtivos do Eu (GUERRA *et al.*, 2012).

Diante dessas delimitações, as autoras partem do pressuposto do laço social. Assim, um dado interessante é o fato de considerarem o mundo capitalista atual como o capitalismo do consumo, que corrobora numa ética do direito ao gozo. Logo, identificam a necessidade de uma *procura ao gozo*, pois há a incessante produção de possibilidades de escolha no universo de consumo. Nessa perspectiva, na contemporaneidade não há mais o recalque dos aspectos pulsionais, mas, sim, do gozo como uma obrigação, nessa lógica há um supereu tirânico e gozador (GUERRA *et al.*, 2012).

Seguindo essa perspectiva, ao se deparar com os conflitos advindos do real sexual, característico da puberdade, o adolescente questiona-se acerca do desejo do Outro. Nesse processo, o sujeito fantasia, de um lado recobre-se a castração e do outro separa-se da posição de objeto da fantasia materna para garantir uma construção própria. Além disso, na puberdade, frente ao fácil acesso à vida sexual, ao crime e às drogas, o jovem pode escolher essas saídas como uma forma de solução rápida e eficaz para encobrir a falta estrutural. Nesse sentido, o crime poderia ser pensado como um Outro que garante uma resposta e uma inserção no laço social. Diante disso, se houver a inclusão de atos agressivos, haverá, concomitantemente à identificação do crime como o Outro que reafirma o eu do jovem, um direcionamento para o excedente pulsional que atravessa esse adolescente (GUERRA *et al.*, 2012).

Além disso, por meio da identificação com um líder, o adolescente sustentaria a identificação de um ideal do Eu. Nessa perspectiva, se de um lado, pelo imaginário, o sujeito se identifica e se mostra como reflexo do outro, em outra perspectiva, “essa especularização também constrange o sujeito a um sem-espaco para si, que pode culminar na desconfiança e na agressividade” (GUERRA *et al.*, 2012, p. 14-15).

### 3. DISCUSSÃO

Diante da seleção desses estudos foi possível perceber que os trabalhos relacionados à agressividade na adolescência se inserem em um aspecto social de vulnerabilidade, por vezes, de criminalidade. Além disso, as mensurações acerca da manifestação desse aspecto pulsional se mostram, comumente, atreladas a análise de cunho teórico. Não obstante, a presença dessa sistematização permite elaborar uma noção acerca do campo estudado, assim como um embasamento da agressividade na adolescência.

Destaca-se que a agressividade se mostra como um importante conceito dentro da teoria psicanalítica. Da mesma forma, é possível, por meio dos materiais elencados, compreender a agressividade sob um olhar preventivo, correlacionada às raízes de diferentes queixas que são apresentadas na sociedade. Da mesma forma, entender a agressividade possibilita atentar-se ao manejo do terapeuta, seja ele clínico ou não. Nesse sentido, é importante retomar o postulado de Zimerman (2008) ao propor que “agressão” e “agressividade” são confundidas, inclusive, por alguns estudiosos, pois é importante compreender a agressividade para que se sobreviva a ela quando se manifestar por meio da destrutividade, fornecendo segurança ao paciente.

Na adolescência, a presença do manejo e da sustentação frente às fantasias agressivas permite que esse jovem integre simbolicamente os limites fronteiriços do Eu e do Não-Eu, elaborando as potencialidades corporais, psíquicas e pulsionais, que agora podem ser reconhecidas de modo mais consciente e passíveis de atos. Atuar sobre a temática da agressividade é, inevitavelmente, se debruçar sobre as angústias que rondam a adolescência, não apenas pelo surgimento das fantasias de assassinato, como também pelas angústias que se fazem presentes devido aos conflitos entre o Eu, o Não-Eu e as faltas, que podem se manifestar sob um viés agressivo destrutivo. A partir dessas compreensões, é possível manejar a agressividade para seu viés construtivo e/ou reparador, assim como a utilização de defesas sublimatórias que garantam a sustentação de um Eu integrado.

Atualmente, cerca de um semestre após a revisão sistemática, percebe-se que o uso de um critério de exclusão que utiliza como referência o ECA foi pouco favorecedor, já que há oscilações nas faixas etárias propostas, assim como pelo fato de esse marcador ser brasileiro e não uma referência mundial. Todavia, mesmo com essa adversidade, obteve-se para a síntese qualitativa resultados estrangeiros, como Grécia, Itália e Colômbia. Além de tudo, o fato de ser utilizado um referencial etário brasileiro transmite maior proximidade com a realidade dos adolescentes.

## >> Considerações Finais

Por meio da revisão sistemática foi possível identificar certa escassez de estudos frente à agressividade, principalmente de estudos empíricos e, acima de tudo, foi possível identificar a importância desse conceito enquanto estruturante na teoria psicanalítica, independente do autor de referência. Da mesma forma, apesar de as escolas e autores divergirem frente a conceituação da agressividade, parece que dialogam e complementam-se frente às possibilidades dos aspectos agressivos.

Sob um panorama geral, é imprescindível que as pesquisas sejam expandidas, impreterivelmente, sob o viés empírico, buscando identificar as manifestações contemporâneas da agressividade. Além disso, o presente estudo mostrou-se relevante sugestão para compreender a diversidade de olhares que a agressividade pode receber, principalmente quando enlaçada ao conceito de manejo. Da mesma forma, a utilização do método sistemático permitiu rastrear os estudos recentes que utilizaram da conceitua-

ção da agressividade para sua composição, permitindo, desta maneira, um olhar amplo para o que compõe na atualidade os estudos da agressividade.

## >> Referências

- ALMEIDA, Alexandre Patricio de. **Psicanálise de boteco: o inconsciente na vida cotidiana**. São Paulo: Planeta do Livro, 2022b.
- ARANGO, Sandra Milena Blanquicett. Estudios psicológicos sobre los actos de-lincuenciales de adolescentes: una revisión documental. **rev. colomb. cienc. soc. (En línea)**, p. 156–180, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5123765>>. Acesso em: 07 jan. 2023.
- BIRMAN, Joel. Arquivo da agressividade em psicanálise. **Natureza humana**, v. 8, n. 2, p. 357–379, dez. 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302006000200005&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302006000200005&script=sci_abstract)>. Acesso em: 02 de mar. de 2023.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. Capítulo 22: As faces da violência. In: \_\_\_\_\_. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm). Acesso em: 20 dez. 2023.
- COSTA, Luiza Cesar Riani et al. Being a teenager during the Covid-19 pandemic: perspectives from the Winnicott's theory of maturation. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 25, n. suppl 1, p. e200801, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.200801>. Acesso em: 07 jan. 2023.
- DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Mônica Cecilia; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, p. 1260–1266, out. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/CRjvBKKvRRGL7vGsZLQ8bQj/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: \_\_\_\_\_. **Obras Completas Volume 12 - Introdução ao narcisismo**, ensaios de metapsicologia e outros textos. Trad. Paulo César. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. (Original de 1914)
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010. (Original de 1930).
- GALVÃO, Taís Freire; PANSANI, Thais de Souza Andrade; HARRAD, David. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, p. 335–342, jun. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/TL99XM6YPx3Z4rxn5WmCNCf/?lang=pt>>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- GIACOLINI, Teodosio; SABATELLO, Ugo. Psychoanalysis and Affective Neuroscience. The Motivational/Emotional System of Aggression in Human Relations. **Frontiers in Psychology**, v. 9, p. 2475, 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30692947/>> Acesso em: 07 jan. 2023.
- GUERRA, Andréa Máris Campos et al. Violência urbana, criminalidade e tráfico de drogas: uma discussão psicanalítica acerca da adolescência. **Psicologia em Revista**, v. 18, n. 2, p. 247–263, ago. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-2857-2012-001>>. Acesso em: 07 jan. 2023.



org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n2p247>. Acesso em: jan. 2023.

JUCÁ, Vlândia dos Santos.; VORCARO, Angela Maria Resende. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicologia USP**, v. 29, p. 246-252, ago. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/cNNsChfNMBYwPVZzD6t95rg/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 07 jan. 2024.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2001, p. 10-15. xxii, 552 p. ISBN 8533613962.

LIMA, Martha Bento. Acolhendo Dissonâncias: Por Uma Clínica Compositora No Cuidado De Si. **Revista Polis e Psique**, v. 7, n. 3, p. 180-199, dez. 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2238-152X2017000300011&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2238-152X2017000300011&script=sci_abstract)>. Acesso em: 07 jan. 2023.

MALVASI, Paulo Artur.; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação entre juventude e violência**. São Paulo: Cor- tez, 2010.

MATOS, Laydiane Pereira; LEMGRUBER, Karla Priscilla. A adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre o luto adolescente e de seus pais. **Psicologia e Saúde em Debate**. v. 2, n. 2, pág. 124-145, 10 fev. 2017. Disponível em: <<https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/40>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

NOBRE, Thalita Lacerda. **Porque a vida é agora!**: Considerações sobre o mal-estar na cultura pós-moderna. Curitiba: Juruá, 2022.

OLIVEIRA, Daniella Machado de; FULGENCIO, Leopoldo Pereira. Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 1, p. 67-80, abr. 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682010000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100006)>. Acesso em: 12 mar. 2023.

PAPALIA, Diane. E.; MARTORELL; Gabriela. **Desenvolvimento Humano**. 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

PIRES, Luciana Costa; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. O manifesto do funk ostentação: Uma leitura psicanalítica do discurso de dois adolescentes e a sua relação com o funk. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 2, p. 94-98, 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702019000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000200007)>. Acesso em: 07 jan. 2023.

SANTOS, Cristina Mamédio da Costa; PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, p. 508-511, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/CfKNnz8mvSqVjZ37Z77pFsy/?lang=pt#ModalTutors>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SOUMAKI, E. U.; ANAGNOSTOPOULOS, D. C. Psychoanalytic psychotherapy in times of social crisis: The impact on therapeutic relationship. **Psychiatriki**, v. 29, n. 3, p. 257-263, 1 out. 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30605430/>>. Acesso em: 07 jan. 2023.

SUSMAN, E. J.; ROGOL, A. Puberty and psychological development. In: LERNER, R. M.; STEINBERG, L. **Handbook of adolescent psychology**. 2 ed. Nova Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2004, p. 15-44.

TEIXEIRA, F. C.; MOREIRA, J. D. O. Faroeste Caboclo: Psychoanalysis interpretation of the song. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 1, p. 117, 28 mar.



2017. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1102265>>. Acesso em: 07 jan. 2023.

WINNICOTT, Donald Woods. A criança no grupo familiar Trad. Paulo Cesar Sandler. In: \_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ubu Editora, 2021, p. 151-166. (Original de 1966)

WINNICOTT, Donald Woods. A imaturidade adolescente. Trad. Paulo Cesar Sandler. In: \_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ubu 2021, p.177-198. (Original de 1968)

WINNICOTT, Donald Woods. Adolescência: atravessando o marasmo. In: \_\_\_\_\_. **Família e desenvolvimento individual**. Ubu; Martins Fontes: 2023, p. 142-157. (Original de 1961)

WINNICOTT, Donald Woods. Conceitos atuais do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação em nível superior. Trad. Breno Longhi. In: \_\_\_\_\_. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019, p. 219-238. (Original de 1968)

WINNICOTT, Donald Woods. **Deprivação e delinquência**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ubu; WMF Martins Fontes, 2023. (Original de 1984)

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Original de 1984)

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Original de 1986)

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Cesar Sandler. São Paulo: Ubu, 2021. (Original de 1986)

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Adolescent health**. Genebra, 2020. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1) Acesso em: 20 mai. 2022.

ZIMERMAN, David Epelbaum. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2008

ZIMERMAN, David Epelbaum. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática.



